

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Caricó Braziliense

DATA : 17 01 92

PG. : 12

56

Até os índios utilizavam as queimadas

O fogo é um elemento natural no cerrado. Estudos arqueológicos desenvolvidos em Goiás, Piauí e em outros estados, por pesquisadores brasileiros e franceses, demonstram que o cerrado mantém estreita relação com o fogo há pelo menos dez mil anos. Com o aparecimento de tribos que praticavam a agricultura (há quatro mil anos) e a colonização européia que trouxe o gado, mais recentemente, o fogo propagou-se. Hoje, com a ocupação irracional de todas as regiões de cerrado, usa-se fogo para tudo.

E esta situação é natural? "Não", responde o biólogo Bráulio Ferreira de Souza Dias, que há três anos coordena o projeto de impacto do fogo no cerrado, na Gerência de Pesquisas do IBGE. "Da forma como estão queimando hoje o cerrado, os prejuízos são grandes e quase irreversíveis", garante o pesquisador.

O cerrado traz consigo características que favorecem o aparecimento e a propagação do fogo. A estação seca é longa, a vegetação aberta propicia a entrada dos

ventos e uma camada gramínea predominante de todas as suas fisionomias constitui-se em grande material de fácil combustão.

Mas essa propensão ao fogo, por si só, não representa uma ameaça, porque muitos animais e plantas têm estratégia para escapar do fogo e até se beneficiam dele. Algumas plantas têm floração induzida pelo fogo, enquanto outras, que possuem sementes com cascas grossas difíceis de romper, valem-se do fogo para a "quebra da dormência da espécie". Nesse caso o fogo rompe as cascas e as sementes podem germinar.

Experimento — O projeto coordenado pelo biólogo na reserva do IBGE monitora o impacto do fogo em três áreas distintas de cerrado: campo sujo, cerrado e cerrado denso, com inclusões de cerradão. Estas áreas foram divididas em parcelas de dez hectares, onde uma primeira foi mantida intacta, sem queima. Em outra, as queimadas estão sendo feitas em agosto, a cada quatro anos; uma terceira sofre a ação do fogo também em agosto, mas a cada

dois anos; em outra os pesquisadores promovem a queima no mês de junho, a cada dois anos; e uma quinta parcela com queimadas no mês de setembro, de dois em dois anos.

De acordo com Bráulio Dias, o padrão dominante atual de queimadas no cerrado é o de dois em dois anos e quase sempre no mês de agosto. "Queremos avaliar esse padrão e compará-lo com outras situações", explicou o biólogo, que analisa também as condições climáticas e do combustível durante as queimas, que irão determinar o comportamento do fogo em cada local e conseqüentemente o impacto sobre os diferentes ecossistemas que compõem o cerrado.

O impacto do fogo no cerrado envolve cerca de 40 pessoas em pesquisas paralelas, incluindo profissionais do IBGE, da Embrapa, da Universidade de Brasília e do Jardim Botânico. Ao final, o grupo pretende fornecer subsídios ao Governo para a tomada de decisões em relação ao cerrado, no que se refere ao fogo e o que ele provoca.